

Biografia inédita preenche lacuna nos estudos críticos sobre a música popular brasileira

Ensaio biográfico sobre o cantor e compositor gaúcho Vitor Ramil desvela uma das trajetórias artísticas mais instigantes da cena musical do Brasil contemporâneo

Vitor Ramil, o astronauta lírico é um ensaio biográfico sobre o cantor e compositor gaúcho Vitor Ramil, escrito pelo crítico Marcos Lacerda. O livro se concentra na trajetória artística do biografado, mas sem deixar de lado as informações relevantes de momentos de sua vida pessoal. As análises da obra de Vitor Ramil se condensam assim, na proporção exata, com as inquietudes do homem crescido no extremo sul do país, nas derradeiras décadas do século XX. Trata-se de um livro essencial sobre vida e a poética musical única do cantautor tanto para o leitor leigo quanto para o já iniciado na “estética do frio”.

Construído a partir de diálogos do autor com o biografado ao longo de quatro anos e de minuciosa pesquisa em periódicos e materiais inéditos, o livro de Marcos Lacerda trata da vida e da obra de Vitor Ramil de maneira singular e propõe uma leitura crítica e informativa. Por sua formação como sociólogo e sua atuação como crítico musical, o autor não desperdiça linha ou vírgula neste livro.

Vitor Ramil, o astronauta lírico vem cumprir uma lacuna de jogar luz à obra de um dos mais inventivos artistas contemporâneos brasileiros.

Sobre o autor

Marcos Lacerda é sociólogo e ensaísta. Foi diretor de música da Funarte, responsável por políticas de âmbito nacional. É autor de *Hotel Universo: a poética de Ronaldo Bastos* (2019) e organizador de *Música: ensaios brasileiros contemporâneos* (2016) e *A canção como música de invenção* (2018). É um dos curadores da coleção Cadernos Ultramares e da coleção Certas Canções (Hedra/Acorde).



Título Vitor Ramil, o astronauta lírico

Autor Marcos Lacerda

Editora Hedra

Selo Acorde Editorial

ISBN 978-65-84716-19-3

Pág. 340

Pré-venda 05/04/2024

Lançamento Maio

Preço 89,00

Trechos do livro

“O palco está já preparado. Acendem as primeiras luzes. O teatro lotado aguarda, com certa ansiedade. Começam a entrar os primeiros músicos. Gutcha Ramil, Ian Ramil, Thiago Ramil, João Ramil, Kleiton e Kledir Ramil e, por fim, Vitor Ramil. Estão reunidos os músicos da Casa Ramil, projeto de shows, gravações e encontros entre os artistas da família. O nome é sugestivo. A importância da casa como lugar real e metáfora na obra de Vitor é enorme. A casa das canções em “Autorretrato” (1984); a descrição de quartos, salas, portas, pátios em “Espaço” (2000); no mesmo ano de 2000 a “Ilusão da casa”; a importância da casa dos pais como cenário fundamental na novela Pequod, com quartos secretos, poltronas, relógios, um casarão de um amigo próximo do pai (1995); os pátios pequenos da concisão onde se revelam o universo e o sentido das coisas em “Milonga de sete cidades” (1997); a alegoria da casa da família em ruínas no romance Satolep (2008); a descrição de corredores, mesas da “casa nova” na canção “Satolep” (1984); o tapete deslocado da sala para os pais dançarem tango no texto do encarte do disco Ramilonga – A estética do frio (1997); a descrição de cama, livro, televisão, abajur em “Livro aberto” (2007) e, claro, a volta para a casa onde nasceu na cidade de Pelotas, fundamental para uma reorientação na sua carreira, no ano de 1992”.

“Vitor me disse algo surpreendente: “Eu não me sinto nem músico, nem escritor, eu não me sinto nada. Eu sou um cara interessado em muitas coisas”. Essa afirmação veio quando estava falando a respeito da sua relação com o ambiente da música, sobre algumas necessidades próprias ao ofício, como a de viajar para encontrar músicos, produtores, arranjadores, o que for. Viver dentro das ambiências do campo cultural, vamos dizer assim, como protagonista entre os atores sociais que compõem este campo”.